OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

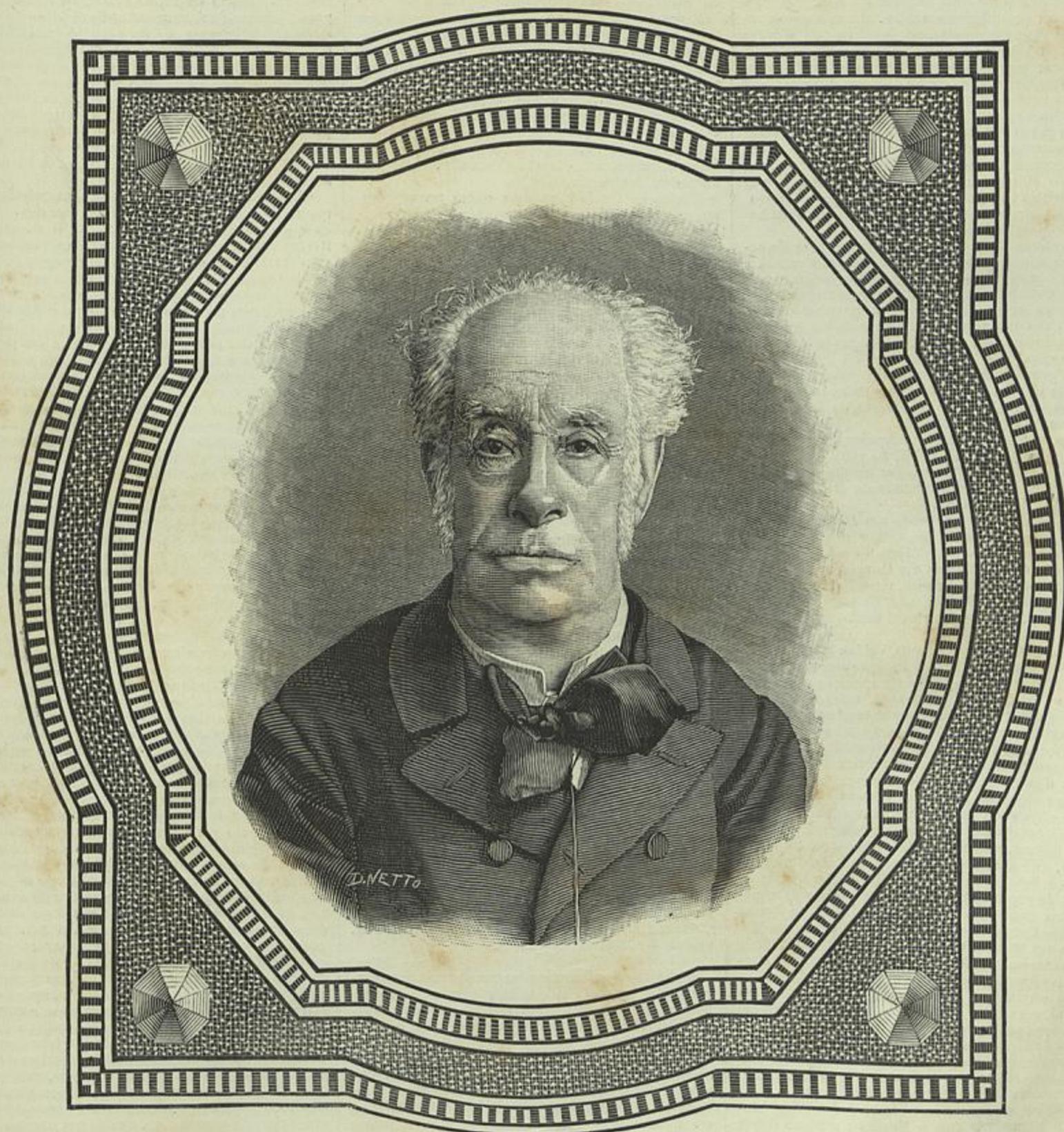
9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 278

11 DE SETEMBRO 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

D. NETTO

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA — VICE-PRESIDENTE DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA
(Segundo uma photographia de Camacho)

Com a publicação do retrato de el-rei D. Luiz, presidente da Academia Real das Sciencias, em o n.º 274 do OCCIDENTE, iniciámos uma galeria de retratos dos membros da Academia, de que hoje publicamos o retrato do ex.mo sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, vice-presidente da Academia, e continuaremos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Esta chronica hoje é escripta positivamente com o pé no estribo. As malas estão feitas, e ámanhã ás 7 horas e meia da manhã, se Deus quizer, marcharei por ahi acima, até ao nosso bom Minho, esse querido e formoso Minho, de quem gosto tanto, e a quem tão raras vezes me é permittido deixar pessoalmente o meu cartão de visita.

Não posso portanto estar d'esta vez á espera dos acontecimentos, d'esses acontecimentos que n'estes mezes de verão são tão difficeis, ás vezes, de nos honrarem com a sua presença; não posso esperar pelo juramento do principe real, para lhes descrever por miudos a sessão, que não promette ser das mais commodas, porquanto a maior parte dos deputados e dos pares do reino andam em vilegiatura; não posso nem sequer ir ao Coliseu, para lhes dar noticia d'essa *Viagem á Suissa*, em que os irmãos Hanlon-Lees tem sido celebrados em Paris e em Madrid.

Não posso esperar por nenhum d'esses espectaculos e como quero cumprir com os meus deveres de chronista, como quero sahir de Lisboa tendo deixado já o meu trabalho feito, com a minha consciencia tranquilla, far-lhes-hei hoje uma chronica do futuro, já que do presente não estou habilitado para a fazer.

O inverno está a bater á porta, o mez de setembro é a ante sala da nossa epocha theatral, e por isso não nos parece fóra de proposito, deitar aqui um olhar para essa epocha que se approxima, e pôr os nossos leitores ao corrente do movimento theatral que se prepara para essas longas noites invernosas que vem chegando a passos agigantados.

Em primeiro logar temos o theatro de S. Carlos, aquelle que no inverno domina todas as preoccupações da Lisboa que se diverte, da Lisboa elegante e da Lisboa artistica.

Depois d'uma epocha excepcional como foi a epocha lyrica de S. Carlos, de 1885 a 1886, não era cousa muito facil arranjar elenco e preparar companhia com probabilidade de triumpho para a epocha de 1886-1887.

Depois de ter apresentado um *Barbeiro de Sevilha* com a Patti, o Massini e o Cotogni, um *Fausto* com a Devriès, o Massini e o Lorrain, uma *Lucrecia* com o Massini e a Borghi, uma *Carmen* com a Patti e o De-Bassini, uma *Semiramis* com a Schalchi e a Borghi, não ha muito mais que apresentar, nem superior nem tão bom, no mundo lyrico contemporaneo.

Entretanto o sr. Campos Valdez não se amedrontou com as difficuldades enormes que lhe tinha originado a sua brilhante epocha passada, lutou valerosamente com ellas, valerosamente e cremos que triumphantemente tambem, porque a companhia escripturada para a futura epocha e o reportorio organisado, promettem fazer face corajosamente ás recordações gloriosas e recentissimas d'esses triumphos excepcionaes que fecharam a *temporada* lyrica que passou.

No elenco da companhia, composta quasi que na sua totalidade de artistas inteiramente novos para Lisboa, porque apenas um, que nos lembre agora, é já conhecido dos espectadores de S. Carlos — o baixo Vidal, — figuram artistas distinctissimos de reputação universal, como por exemplo a prima dona Theodorini, que depois de cantar epochas successivas com ruidoso *successo* em Madrid e em Barcelona, alcançou ultimamente, ainda ha tres mezes, no *Covent Garden de Londres*, triumphos no grande reportorio dramatico italiano.

Nós ouvimos a Theodorini ha tres annos, em Madrid, e se bem nos lembra, falámos d'ella aqui por esse tempo, relatando a nossa viagem pelas terras de Hespanha. A Theodorini é sobretudo, é essencialmente uma cantora dramatica Como paixão, como talento, como instrucção artistica poucas cantoras se lhe podem pôr hoje a par.

A opera em que nós a vimos foi o *Mephistopheles* juntamente com o Massini e o baixo Rapp.

Apesar da grande celebridade e do excepcional valor de Massini n'essa noite, quem mais nos agradou foi a Theodorini. É verdade que o Massini estava nas suas raras noites infelizes, mas o talento dramatico da grande cantora que desempenhava a Margarida e a Helena, de Boito, impoz-se logo á nossa admiração.

Falámos n'essa noite com a festejada cantora — apresentou-nos a ella o primeiro caricaturista da Hespanha o sr. Pesillan, e redactor da *Broma*, que dias depois de nós sahirmos de Madrid entrou para a cadeia pelo crime de abuso de liberdade d'imprensa.

Theodorini disse-nos então que tinha muita vontade de vir a Lisboa, que era um dos seus grandes desejos d'artista cantar no theatro de S. Carlos. Agora vae ser cumprido esse desejo. A Theodorini vae conhecer o nosso theatro, vae conhecer o nosso publico e cremos que se dará bem com o conhecimento.

A Sthol, é a outra cantora de grande nome lyrico que está escripturada para toda a epocha.

Tem muita fama a sua primorosa arte e a sua deslumbrante belleza.

Entre os homens vem dois tenores perfeitamente distinctos, um notavel pela sua poderosa voz, uma especie de Tamagno, outro notavel pela sua delicada arte, e que até é conhecido nos theatros d'Italia pelo segundo Massini.

Dos baritonos, um dizem-nos que é um artista consumado — o sr. Dufriche.

E para tudo ser novo na proxima epocha em S. Carlos, até a primeira bailarina é nova, e graças a Deus não teremos este anno a sr.ª Cassatti e seu marido, que iam já sendo chronicos no nosso theatro.

No reportorio annunciam-se já duas novidades importantes: uma opera de Bizet, o famoso auctor da *Carmen*, que nunca foi dada em Lisboa — *O Pescador de Perolas*, e a opera nova do nosso illustre compatriota Augusto Machado, o festejado auctor da *Laureana*.

Chama-se *Os Dorias*, essa opera nova portugueza, de que a Theodorini e o baritono Dufriche estão já estudando os papeis, e que será dada logo no principio da epocha.

O poema dos *Dorias* é feito sobre a tragedia de Schiller a *Conjuração de Fiesque*: da partitura nada dizemos por emquanto apesar de conhecermos já alguns numeros que justificam plenamente os altos creditos artisticos do distinctissimo maestro portuguez.

Fala-se tambem que na proxima epocha, o theatro de S. Carlos apresentará ainda outra opera nova, d'um maestro egualmente novo — a *Flavia*, do sr. Adolpho Sauvinet.

Os outros theatros preparam-se tambem com actividade para a campanha do inverno.

O theatro de D. Maria tem já para o seu reportorio de 1886-1887, duas ou tres peças originaes, o *Hamlet*, o *Principe Ziluh*, o *Fromont Jeune et Piller ainé*.

O theatro do Gymnasio augmentou a sua companhia com dois artistas dos theatros do Porto, conhecidos em Lisboa pelo seu merito relevante, o sr. Soller e o sr. Gama.

Além d'estes dois artistas já feitos e de creditos consolidados, o Gymnasio apresentará no principio da epocha uma nova actriz de quem me parece haver muito a esperar.

Chama-se Eugenia Smith, essa nova actriz; é notavelmente formosa, d'uma intelligencia pouco vulgar e d'uma illustração distincta, e se com estes tres predicados se não póde prophetisar á debutante uma carreira gloriosa não se podem fazer prophecias em theatro.

O theatro da Trindade teve grandes modificações no seu pessoal feminino. Anna Pereira, a sua estrella, deixou de fazer parte da companhia, entrando em compensação para essa companhia duas novas cantoras, uma portugueza e outra hespanhola possuidoras de bellas vozes.

A Trindade abre no dia 15 do corrente, começando logo a ensaiar a opera comica *Gillete de Narbonne*. Seguir-se-ha *La Fauvette du Temple*, traducção d'Eduardo Garrido. *Heloise et Abellard*, traducção de Francisco Palha.

O theatro dos Recreios fez uma revolução completa. Abre por todo este mez com uma companhia nova de que faz parte o illustre actor Joaquim d'Almeida e tendo por ensaiador o actor Xavier de Mello.

Mello, o notavel artista que tão rapidamente se elevou no nosso theatro pelo seu fino talento, pelo seu delicado espirito, pela sua distincta illustração, vae agora encetar a carreira de ensaiador, carreira em que os seus elevados dotes de intelligencia e de estudo lhe garantem rapidamente um logar proeminente.

A primeira peça nova que o theatro dos Recreios dá na proxima epocha, é uma peça celebre — *O Miguel Strogoff*, de Julio Verne e D'Ennery, traduzida por Moura Cabral, e posta em scena com todo o esplendor de *mise-en scène*, estando já Manini a trabalhar no scenario, Braga nos adereços, e Cohen no guarda roupa.

E agora, meus senhores, que já lhes annunciei as novidades theatraes do proximo inverno, permittam-me que vá esperar o outomno para as eminencias do Bom Jesus.

Gervasio Lobato.

IGNACIO DE VILHENA BARBOSA

Vice-presidente da Academia Real das Sciencias de Lisboa

No excellente livro *Monumentos de Portugal* do sr. Vilhena Barbosa, e ultimamente publicado pelo sr. Castro Irmão, encontramos uma biographia do illustre vice-presidente da Academia Real das Sciencias, primorosamente escripta pelo sr. Pinheiro Chagas, a qual com a devida venia passamos a transcrever:

....

«O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa tem hoje 74 para 75 annos, porque nasceu a 31 de julho de 1811. Pertence felizmente a essa raça de eruditos, que respiram com proveito o pó das bibliothecas, e chegam aos 90 como Cenaculo, que ainda passaria dos 100, se as tempestades da invasão franceza, os horrores da tomada de Evora, e as brutalidades dos guerrilheiros hespanhoes que o levaram para Beja, não tivessem introduzido na sua existencia, quando elle já chegára á florescente idade dos 84 annos, uma perturbação que tinha de lhe ser fatal.

«Aos 74 annos o sr. Vilhena Barbosa trabalha como se tivesse vinte. É a idade em que descançam os que não trabalharam nunca. Se o sr. Vilhena Barbosa tivesse gasto, como tantos outros, ao serviço do Estado, umas poucas de mangas de alpaca, se tivesse passado trinta annos da sua vida na improba tarefa de escrever tres officios por dia, aos cincoenta annos já estaria de tal modo fatigado e exhausto que iria pedir ao Estado a justa recompensa dos seus pesados serviços, e um pedaço de pão para a sua velhice, já que a sua mocidade e a sua idade viril as consumira em serviço do seu paiz. Como porém o sr. Vilhena Barbosa tem passado a sua vida toda a trabalhar sem descanço, n'uma labutação continua de investigações difficeis, aos 74 annos está fresco e lepido pondo a ultima demão nas obras já executadas, e delineando outras para executar.

«Destinando-se á vida monastica, o sr. Vilhena Barbosa estudou o que hoje chamariamos os seus preparatorios no estabelecimento regio do bairro do Rocio, e no collegio de S. Vicente de Fóra. Em maio de 1828 tomou o habito de noviço na congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, e entrou no convento do Beato Antonio, onde estudou theologia, não podendo, por motivo de grave e prolongada doença, ir frequentar essa mesma disciplina na universidade de Coimbra, como fizeram os seus companheiros de noviciado.

«Estou convencido que a vida monastica sorriria extremamente ao illustre academico. Aquelles largos dias de estudo, passados na livraria conventual, no meio de pesados in-folio, arrancando das paginas pulverulentas das chronicas da ordem tantas historias formosissimas, e tão valiosos subsidios historicos, relendo vinte vezes com um prazer supremo os periodos de fr. Luiz de Sousa tão repassados de suave mysticismo, os serões da cella onde á branda luz da lampada do trabalho faria correr a penna pelo papel, essa vida de socego, de meditação, de erudita palestra com os illustrados consocios, de estudo não perturbado pelas agitações da vida, seria talvez o ideal do nosso escriptor, se por outro lado as nobres aspirações do seu espirito liberal, e a resistencia da sua alma ás tentações enervadoras do mysticismo, o não predispossessem muito pouco para acceitar as exigencias da vida religiosa. Foi por isso que em 1834 quando a revolução triumphante, na promiscuidade inevitavel das medidas radicaes, arrancou do seu ninho tantos abutres reaccionarios, e expulsou do seu asylo tantos espiritos illustrados e beneficos, o sr. Vilhena Barbosa deixou, talvez com saudade, esse tranquillo porto onde aprendera a orientar as suas velas no mar da sciencia, mas entrou com alegria n'esse novo mundo liberal, onde todos se occupavam com azafama da reconstrucção da sociedade portugueza, e onde um obreiro como o sr. Vilhena Barbosa, apto para todos os misteres, sabendo servir-se de todas as ferramentas litterarias, não podia deixar de encontrar favoravel acolhimento.

«Em 1839 encontramol-o já á frente de um jornal. N'esse periodo de actividade e de propaganda, todos os grandes espiritos percebiam que chegara o momento de se democratisar a sciencia e a litteratura, como se democratisara o governo. No antigo regimen tudo se fazia para a côrte e pela côrte. Era para a côrte que Racine escrevia as suas tragedias, Buffon a sua *Historia Natural*. A propria *Encyclopedia*, essa precursora inconsciente da Revolução, não se destinava ao povo com os seus longos artigos recheiados de erudição. Os ponderosos in-folio escreviam se para serem lidos nos gabinetes dos fidalgos illustres, e nas cellas dos frades eruditos. Tinham sido impressos e encadernados com o intuito de irem repousar nas estantes de leitura, onde o erudito, bem aconchegado na sua poltrona de couro tauxiada de pregos doirados, os saboreava pagina a pagina, sorvendo a um tempo a pitada e a sciencia, sacudindo com a ponta dos dedos o rapé que lhe caíra na camiza, e corrigindo nas largas margens do livro, com a sua penna de pato cuidadosamente aparada, algum erro do auctor.

«A arte era egualmente para os privilegiados. A gravura era uma arte especial, não um meio de popularisar as outras. Aquellas deliciosas gravuras do seculo XVIII, feitas cuidadosamente no gabinete, escrupulosamente buriladas com tempo e vagar, differiam tanto das gravuras improvisadas das nossas illustrações modernas como os pesados coches d'esse tempo dos nossos rapidos americanos.

«De subito entra o povo em scena, é elle o soberano, é elle a côrte, é elle o Mecenas. Adeus tragedias polvilhadas segundo a etiqueta, o sopro shakespeariano, que agita as multidões, como o vento das Hebridas agita as vagas do mar do Norte, invade a scena theatral; em vez das academias, que tomavam por divisa o *Ode profanum vulgus et arceo*, as sociedades de instrucção que ao vulgo se dirigem; em vez da sciencia massuda, que se destinava aos iniciados, a sciencia amena e popular, em vez da gravura a talho-doce a lithographia, em vez do in-folio o jornal.

«Comprehenderam assim a sua missão os grandes escriptores portuguezes: Herculano fundou o *Panorama*, Castilho a *Revista Universal*, e ao lado d'elles apparecia o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa com o seu *Universo Pittoresco*.

«Herculano procurava, juntamente com a popularisação da historia, com a publicação de verdadeiros primores litterarios, fundar em Portugal a arte da gravura em madeira, Castilho reservava unicamente a sua *Revista* para as sciencias e para as lettras, o sr. Vilhena Barbosa no seu *Universo Pittoresco*, onde a historia e a geographia tinham um logar proeminente, abria as suas portas á lithographia.

«É interessantissimo esse jornal, cujas collecções são hoje rarissimas, e alli começou o sr. Vilhena Barbosa a espalhar com mão prodiga os thesouros da sua erudição.

«Durou seis annos o *Universo*, e nunca mais o sr. Vilhena Barbosa teve um periodico exclusivamente seu; mas a sua collaboração era requestada por quantos se publicavam no paiz, e a sua penna elegante e facil não era avara dos seus artigos. O *Panorama* na sua segunda serie teve o por assiduo collaborador. Escreveu na *Illustração Luso-Brasileira*, no *Panorama Photographico de Portugal*, no *Mosaico*, no *Ramalhete do Christão*, nas *Artes e Lettras*, na secção folhetinistica do *Commercio do Porto*. O que tornava sobretudo preciosa a sua collaboração não era só a sua vasta sciencia, e o seu estylo limpido e agradavel, mas a rara facilidade com que tratava todos os assumptos e se prestava a adaptar o fructo das suas leituras ao gosto e á intelligencia dos leitores do jornal. Rebenta a guerra do Oriente, que chama a attenção de toda a Europa, o editor do *Panorama* quer dar aos seus leitores uma idea do que seja esse imperio da Turquia, cujo destino vae ser jogado nos lances de uma guerra tremenda? Quem se ha de encarregar de resumir a historia da Turquia, que Lamartine escrevera em dez volumes? Vilhena Barbosa.

«N'uma serie de artigos rapidos, amenos, que se liam com delicia, conta a historia do imperio turco, e dá aos leitores do *Panorama* uma idea succinta e exacta do que fôra nos tempos passados esse homem enfermo, que o imperador Nicolau queria obrigar, um pouco sem ceremonia, a fazer testamento a seu favor.

«Eu era então um rapazito dos meus doze annos, avido de leituras, e de uma curiosidade infatigavel. Devorei com prazer indizivel os artigos do sr. Vilhena Barbosa. Graças á lucidez perfeita da narrativa, e á memoria tenacissima das creanças, os acontecimentos ficaram profundamente gravados no meu espirito. Nunca mais li, parece-me, a historia da Turquia, nem mesmo a de Lamartine. Tinha lido a da Russia, e ficou-me de emenda. Não sou comtudo, no que respeita a historia turca, dos mais ignorantes. Pois a que sei, ensinou-m'a o sr. Vilhena Barbosa.

«Quando se fundou porém o *Archivo Pittoresco*, o sr. Vilhena Barbosa dedicou a esse periodico todo o seu affecto, o seu trabalho, o seu perseverante estudo, o seu inexcedivel zelo. A obra do sr. Vilhena Barbosa pode dizer-se que está resumida de um modo perfeitamente caracterisado na sua collaboração do *Archivo Pittoresco*. Os seus excellentes livros *Exemplos de virtudes civicas e domesticas, Estudos historicos e archeologicos*, e este que prefaciamos agora, quasi que se compõem unicamente de artigos publicados no *Archivo Pittoresco*. N'este periodico saíram os seus interessantes *Fragmentos de um roteiro de Lisboa*, as suas narrativas historicas, e as excellentes monographias da exposição do Porto, etc., etc.

«O *Archivo Pittoresco* merecia-lhe esse affecto, porque desempenhou um papel importante na historia do nosso movimento litterario e artistico. O *Archivo Pittoresco* foi o *Panorama* da geração moderna. Não o devia dizer eu, porque fui um dos seus mais assiduos collaboradores; mas, tirando os artigos que alli apparecem firmados pelo meu nome, quantas joias n'aquelle riquissimo cofre! Latino Coelho alli estudou as encyclopedias da meia edade; Rebello da Silva alguns dos grandes vultos da revolução liberal; Eduardo Vidal na sua prosa de oiro um pouco macisso gravava as effigies de Affonso de Albuquerque, de Damião de Goes, de fr. Bartholomeu dos Martyres; Castilho de vez em quando dava para o jornal, a cuja fundação presidira, alguns retalhos de obras primas; Bulhão Pato e Julio Machado escreviam uns pequenos e deliciosos romancinhos, emquanto Osorio de Vasconcellos amenisava com o seu estylo opulento e a sua vernaculidade beirã as asperezas da sciencia e Gomes de Amorim contava o idyllio das *Roseiras do Amor* e Brito Aranha tornava conhecidos do publico portuguez os admiraveis contos de Trueba; Silva Tullio inseria n'aquellas paginas um ou outro estudo historico e dava a toda a collaboração o tom essencialmente classico da sua linguagem, polvilhando todos os artigos com o pó de oiro da sua revisão; e Vilhena Barbosa acompanhava passo a passo a illustração do jornal, cujos progressos eram maravilhosos, com a vastissima erudição, prompta sempre, e sempre amenisada pela serena doçura do seu estylo.

«O *Archivo Pittoresco* tinha á sua frente o editor d'este livro que prefacio, o sr. Vicente Jorge de Castro, cuja modestia excepcional eu não quero de modo algum melindrar. É certo porém que poucas vezes se encontra um editor com tão patrioticos intuitos, com tão vivo zelo pelo desenvolvimento da arte no seu paiz. O *Archivo Pittoresco* estava longe de ser para elle uma empreza industrial, era a sua obra predilecta, o seu pequeno monumento. Gloriava se de vêr sair os numeros do jornal, sempre mais aprimorados, lindamente impressos, ornados de gravuras cada vez mais perfeitas E Vilhena Barbosa acompanhava-o no seu enthusiasmo. Foi tambem esse o seu sonho quando na infancia da imprensa illustrada portugueza fundára o seu *Universo Pittoresco*. O que é certo porém é que a arte da gravura em Portugal deve ao sr. Vicente Jorge de Castro, sem duvida alguma, o mais vigoroso impulso que ella recebeu n'estes modernos tempos.

«Citámos os livros do sr. Vilhena Barbosa. Faltou-nos, porém, citar exactamente o primeiro, que se intitula *As cidades e villas da monarchia portugueza, que teem brazão d'armas*. São tres volumes acompanhados de estampas, representando esses brazões. É um livro de seria e solida erudição. Accrescentemos que os *Exemplos de virtudes civicas e domesticas*, livro justamente adoptado para leitura nas escolas, porque nenhum ha que mais possa levantar o espirito nacional, conta já hoje oito edições.

«O sr. Vilhena Barbosa passou muito rapidamente no campo do jornalismo politico. Escreveu na *União*, jornal conservador de que era redactor principal D. José de Lacerda. Collaborou n'outros jornaes politicos nacionaes e estrangeiros, entre estes no *Heraldo* hespanhol, quando tinha á sua frente o grande estadista e litterato Martinez de la Rosa.

«Muitas sociedades litterarias e scientificas conferiram os seus diplomas a este erudito escriptor. É socio honorario do *Retiro Litterario Portuguez*, do Rio de Janeiro, membro da *Associação dos architectos e archeologos portuguezes*, da *Academia Nacional* de Paris, da *Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes* de Lisboa, da *Sociedade de geographia commercial* do Porto, da *Associação litteraria internacional* de Paris, academico correspondente da *Real academia sevilhana de buenas letras*, da *Real academia gaditana de sciencias e artes*, socio fundador da *Sociedade nacional camoneana* do Porto, e emfim socio de merito da *Sociedade de instrucção* do Porto. No tempo em que o Conservatorio era uma academia litteraria, onde o seu fundador Garrett procurava congregar todos os talentos prestantes da nossa terra, foi o sr. Vilhena Barbosa um dos socios nomeados. A *Academia real das sciencias* de Lisboa elegeu-o seu socio correspondente em 1863, seu socio effectivo em 1875, e logo depois inspector da bibliotheca, logar em que tem sido reconduzido todos os annos. Presidente da 2.ª classe em 1885, é actualmente vice-presidente da Academia, que tem a honra de ser presidida effectivamente por S. M. El-Rei o sr. D. Luiz.

«Todas estas distincções litterarias são a justa recompensa de uma vida exclusivamente consagrada ás lettras, e que tem corrido isenta do favor official. Cargo remunerado pelo Estado suppomos que teve apenas o de redactor do *Diario do Governo*, que exerceu desde 1848 até 1850, no tempo em que esse periodico official era mais alguma coisa do que uma simples compilação de decretos e de portarias.

«Uma vez porém se lembrou o governo de utilisar as vastas aptidões do sr. Vilhena Barbosa. Foi quando em 1881 o encarregou de colleccionar objectos que representassem a arte ornamental portugueza na Exposição de Kensington em Londres. Essa exposição foi para nós um triumpho, e maior triumpho ainda foi a Exposição da arte ornamental de 1882 em Lisboa. A actividade, ao gosto, á sciencia de Vilhena Barbosa se deveu em grande parte esse notavel exito. Basta dizer-se que os objectos obtidos por elle nas provincias do Norte e em Lisboa representavam um valor superior a 800 contos de réis.

«O culto das lettras e o culto da amizade teem sido para elle duas religiões. Se vivesse no tempo em que expirava a republica de Roma, o sr. Vilhena Barbosa pertenceria áquella roda ciceroniana, tão ligada entre si pelos mais affectuosos laços, e onde se consagrava ás lettras um culto fervido e puro. Quinto Pomponio Attico era o typo supremo d'essa pequena pleiade, em cujo seio Cicero se refugiava com um grito de jubilo quando podia vêr-se livre dos tumultuosos negocios politicos. A existencia do sr. Vilhena Barbosa tem corrido placida e serena, semeando affectos, e não tendo odios. Permitta que no frontispicio d'este seu livro se inscreva não só a homenagem que é devida pelo critico á sua vasta erudição e ao seu formoso talento, mas tambem a homenagem que é devida por um confrade á bondade nativa do seu coração e á levantada nobreza do seu caracter.»

4 — 4 — 86. *Pinheiro Chagas.*

MOSTEIRO DE ODIVELLAS

(Continuado do n.º 276)

IV

Situação do mosteiro

A dez kilometros de Lisboa para o NO. está edificado o mosteiro de S. Diniz em sitio baixo, mas alegre e desaffrontado, pois que se estende diante do seu antiquissimo templo um vasto terreiro, modernamente plantado de arvores.

Dilata-se pelo lado do N. d'aquelle terreiro a casaria do logar de Odivellas, com a sua excellente egreja parochial, da invocação do Santissimo Nome de Jesus, construida nos fins do seculo XVII. Ergue-se pelo lado do SO., com pouca elevação e suave declive, um oiteiro, onde avulta um arco de cantaria, de architectura ogival, a que o povo d'aquellas circumvisinhanças dá o nome de *Marmoiral*, corrupção de *Memorial*, e que a tradição diz que fôra construido para nelle pousarem o caixão com os restos mortaes d'el-rei D. Diniz, quando o trouxeram para o mausoleo em que havia de ser encerrado. Contestam, porem, alguns escriptores a tradição, pretendendo que o arco foi feito para descanço do corpo de el-rei D. João I, por occasião de o trasladarem da sé de Lisboa para o seu jazigo na Batalha.

Junto do referido oiteiro passa a estrada que vem da capital pelo Campo Grande, Lumiar, Senhor Roubado, até Odivellas.

V

O templo

Tem tido a mesma sorte mesquinha de quasi todos os monumentos de Portugal o templo de el-

rei D. Diniz. As reconstrucções, dirigidas sem respeito pelos padrões da historia, sem o verdadeiro amor da arte, nem sequer consideração pelos seus preceitos mais triviaes, e alem d'isto as convulsões do solo alteraram e desfiguraram por tal modo a fabrica do seculo XIII, que apenas lhe deixaram a capella-mór, não intacta, mas com as feições primitivas no que escapou á sua acção destruidora, e dos lados d'ella duas sachristias ou capellas.

A primeira reconstrucção foi no meiado do seculo XVII, fazendo perder ao corpo da egreja a sua harmonia architectonica. A segunda, no seculo seguinte, foi ordenada por el-rei D. João V, mais para engrandecer e embellezar, que por necessidade de reparações. A architectura gothica foi mais outra vez sacrificada no corpo da egreja, e no coro das freiras. O edificio do mosteiro foi accrescentado com dormitorios novos de tanta capacidade, que a communidade elevou-se ao consideravel numero a que já nos referimos no capitulo III. A terceira e ultima reconstrucção foi em resultado da destruição causada pelo terramoto do 1.º de novembro de 1755. A capella-mór ficou illeza interiormente, mas no exterior padeceu grande ruina. No corpo da egreja abateu uma grande parede da abobada de laçaria de pedra das suas tres naves. Como a ruina da capella-mór apenas prejudicava a conformidade e belleza da architectura exterior, ficou sem reconstrucção. Porem a abobada das naves desappareceu, ou derrocada

Tumulo de El-rei D. Diniz, no Convento de Odivellas (Desenho do natural por C. Alberto)

pelo cataclysmo, ou occulta na reedificação sob as camadas do estuque. No mosteiro tambem o terramoto causou grandes destroços, que ao diante foram reparados.

Constitue a fachada do templo a parte exterior da capella-mór, que tem a forma de um meio octangulo, com tres grandes janellas, de arcos de ponto subido, nas suas tres faces principaes. É toda construida de cantaria. Presumimos, com algum fundamento, que se erguiam aos lados d'ella, um pouco mais recolhidas, duas altas torres, que o terramoto derrocou. Um corpo de edificio, tambem construido de cantaria, com uma janella ogival, similhante ás tres mencionadas, que se vê á direita da capella-mór, e proximo da porta da egreja, parece que era a parte inferior de uma das duas torres.

Esse alludido corpo mostra na parte superior ruinas que não deixam duvida sobre a sua primitiva elevação. Da outra torre não restam vestigios, pois que no seu logar vê-se uma construcção moderna.

Portanto a architectura exterior da capella-mór, tal qual foi edificada, era unica em o nosso paiz, e deveria ter sido importada da Allemanha, onde ha exemplares similhantes, embora mais grandiosos, fundados nos seculos XI e XII.

A porta da egreja é de estylo gothico, mas simples, e abre-se ao lado da capella-mór, da parte do evangelho. Serve-lhe como de vestibulo uma extensa alpendrada, sustentada por columnas de marmore, e encostada ao edificio do mosteiro, a qual foi construida em 1573.

Debaixo d'esta alpendrada avulta, meio embebida na parede, uma enorme bola de pedra, com 1^{m},10 de circumferencia. Lê-se por baixo a seguinte

inscripção, gravada em uma lapida: «Este pelouro mandou aqui offerecer a S. Bernardo Dom Alvaro de Noronha, por sua devoção, que he dos quom que lhe os turcos combateram a fortaleza Durumuz, sendo ele capitam dela na era de 1557.»

Esta era é a da collocação da bola na dita parede, porque o cerco e combate da cidade de Ormuz, a que se refere a inscripção, succederam no anno de 1552.

É de tres naves o templo, e de grandes proporções. No corpo da egreja ha quatro altares, com retabulos de pintura a oleo. O pavimento é de lageas quadradas de marmore branco, preto e cor de rosa, dispostas em xadrez. Acha-se, porem, muito arruinado. O coro das freiras faz continuação á igreja, da qual é separado por uma grade de madeira. É tão espaçoso que lhe guarnecem as paredes vinte altares, que se conservam em bom estado e ornamentados com esmero.

A capella-mór não perdeu interiormente as suas feições primitivas, a principal das quaes é a extrema simplicidade na sua architectura, que se casava em intimos laços com a extrema singeleza dos habitos e costumes nacionaes. A abobada é de cantaria artesoada. As paredes são nuas de ornatos.

Levanta-se um throno sobre o altar-mór, com ornamentação de talha doirada. Aos lados estavam dois nichos com imagens de santos esculpidas em madeira, e por cima dois quadros de pintura religiosa, attribuidos a Grão-Vasco, bem como outros dois, que adornam a mesma capella-mór (1).

Tem aqui a sua sepultura o infante D. João, que nasceu em 23 de setembro de 1326, e falleceu em 21 de junho de 1327. Era filho de el-rei D. Affonso IV e da rainha D. Brites de Castella.

Aos lados da capella-mór estão duas capellas ou sachristias, que escaparam á acção destruidora dos cataclysmos e dos reformadores. Em uma d'estas está o mausoleo do fundador.

O primeiro logar do monumento foi no meio do corpo da egreja. Transferido ao diante para a nave lateral, junto da parede, da parte da epistola, porque as freiras se queixavam de que lhes não deixava ver o altar-mór, tambem d'alli o arrancaram, desterrando-o para um logar improprio, por ser acanhado e com pouca luz. N'estas mudanças padeceu o tumulo lamentaveis estragos. E nas reparações que lhe fizeram, cobrindo com cal e areia as esculpturas de marmore mutiladas, deixaram os obreiros e os que superintenderam n'aquelles trabalhos irrecusavel testemunho da sua ignorancia

(1) Estes quadros foram ha tempo substituidos por outros de nenhum ou pouco valor, sendo os que lá estavam vendidos por uma das abadessas.

Estatua tumular de El-rei D. Diniz
(Desenho do natural por C. Alberto)

e selvageria. E que vergonha para nós, portuguezes, que nos ufanamos da nossa civilisação, se alli for um estrangeiro, e observar aquelles repugnantes emplastros, e as proprias mutilações da estatua do rei-lavrador!

Pois este mausoleo, alem do respeito que merece pelo personagem que encerra, é digno do maior apreço pela sua importancia para a historia da arte em Portugal, porque foi mandado fazer pelo proprio soberano que n'elle jaz, porque raros monumentos existem do seu reinado, a não serem torres e castellos, e emfim porque a obra de esculptura d'este tumulo, comparada com a do tempo dos nossos tres primeiros reis, revela notaveis progressos, não obstante carecer de correcção no desenho, e de perfeição de cinzel.

A gravura que adorna este numero dispensa-nos da descripção minuciosa.

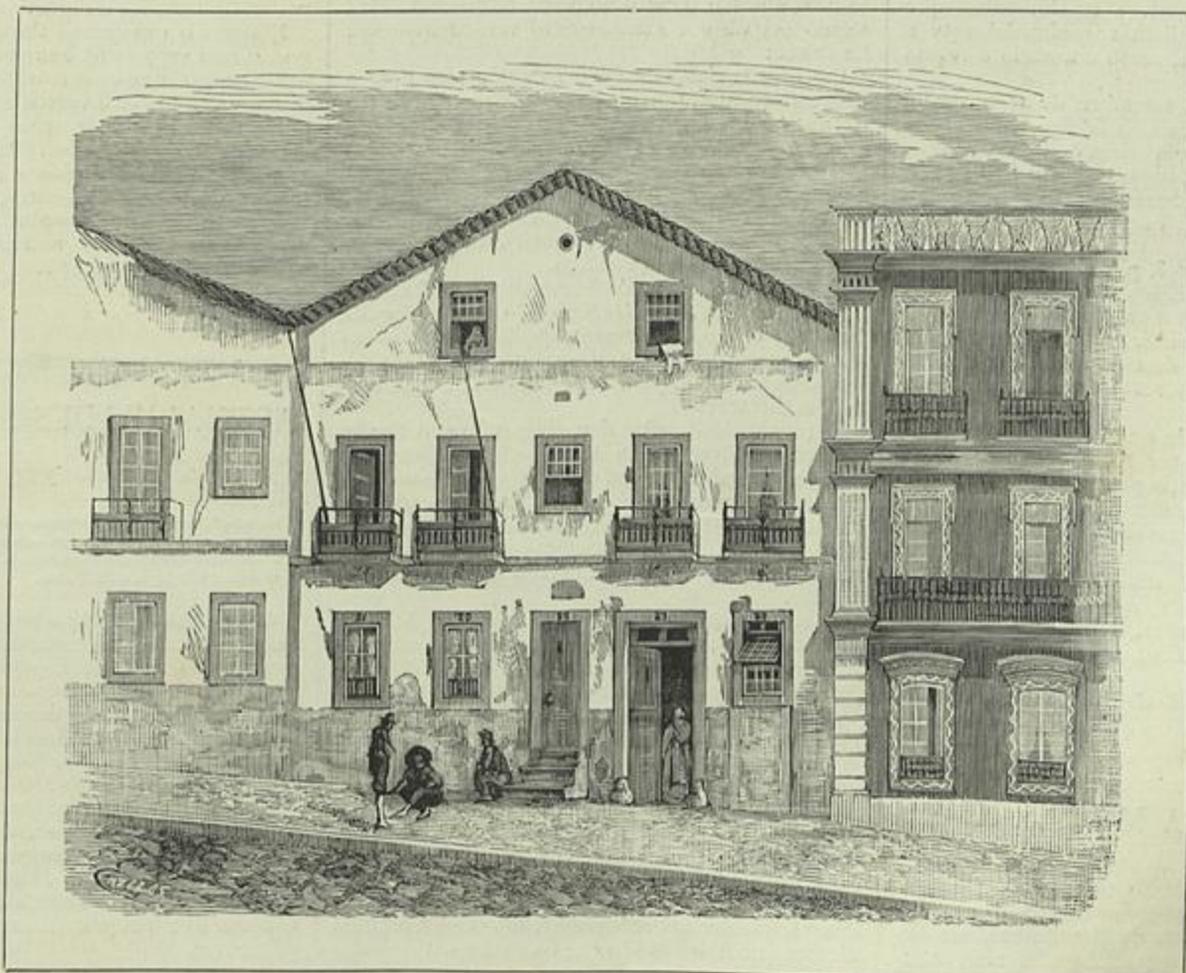
O tumulo é de marmore, ou lioz, e tem de comprimento $2^{m},62$ e de altura $1^{m},42$. A estatua de el-rei D. Diniz, com as vestes reaes ao uso da epoca, tem a cabeça sobre uma almofada, e os cabellos compridos e soltos, a barba crescida, e os pés encostados a um libreu, que já lhe falta a cabeça. Tem a estatua bastantes estragos no rosto, no collo e nas mãos. Junto á regia cabeça vêem-se os restos despedaçados de uma figura de bispo, que orava posto de joelhos (1). Era a estatua de S. Diniz, e não a de S. Luiz, bispo de Tolosa, como pretendem alguns escriptores.

As figuras que resaltam, em meio relevo, do fundo dos nichos, duas em cada um, representam monges da ordem de S. Bernardo, com livros nas mãos, menos os que ficam da parte dos pés e da cabeça. Aquelles empunham um archote e um cofre; e estes não são monges; representam um rei de joelhos diante de um prelado que está lendo em um livro. Parece referir-se a el-rei D. Diniz e ao santo do seu nome.

São de differente especie os animaes em que descança o mausoleu. Todos estão mais ou menos mutilados, incluindo o urso, lançado sobre um homem deitado de costas. Todavia reconhecem-se perfeitamente as duas figuras, e que o homem crava uma faca de matto no peito da fera, junto ás guellas.

Estas figuras ficam da parte esquerda da cabeceira, que é a opposta á que a gravura mostra. O tumulo está debaixo de um docel de velludo, suspenso da abobada.

(Continúa) *I. de Vilhena Barbosa.*

(1) Com os reparos que se fizeram no tumulo, em 1861, desappareceram os restos da figura de S. Diniz e os concertos que fizeram na estatua do rei deram-lhe o aspecto que se reproduz no desenho que publicamos.

Casa onde morreu o poeta Nicolau Tolentino de Almeida (Desenho do natural por Cazellas)

O poeta Nicolau Tolentino de Almeida

I

O poeta, Nicolau Tolentino de Almeida, nasceu na casa, que tem hoje os n.os 26, 28 e 30 á Calçada de Santo André em Lisboa, alguns minutos depois da meia noite do dia 9 de setembro do anno de 1740, e foi baptisado na egreja parochial dos Anjos a 15 do mesmo mez e anno, sendo seu padrinho o filho primogenito dos Condes de Villa Flor.

Foi terminar os seus estudos preparatorios em Coimbra, e ao contar vinte annos e vinte dias de edade, matriculou-se pela primeira vez, na Universidade, na faculdade de leis, em o 1.º de outubro de 1760, continuando a fazel-o no mesmo dia e mez, dos annos 1761, 1762, 1763, 1765 e 1769.

Tolentino confessa nas suas obras, que frequentára a dita Universidade sete annos, mas o que verdadeiramente consta, dos livros competentes, é que foram tão sómente seis, havendo o intervalo de um em 1764 e a ausencia de tres em 1766, 1767, e 1768. Póde ser que o poeta sommasse, sobre os referidos seis, um de preparatorios.

Em 20 de agosto de 1767 obteve carta de professor regio de rhetorica e poetica, com o ordenado, avultado para aquelle tempo, de 450$000 rs. annuaes.

Não podemos colher certeza se o poeta completou, ou não, a sua formatura, mas é de crer que sim, á vista de ter ido matricular-se pela 6.ª vez em 1769, depois de ter estado durante dois annos a exercer o professorado em Lisboa.

Em 1772 obteve por compra, a renuncia que lhe fez Francisco Gomes Catella, do habito da Ordem de Sant'hiago com doze mil réis de tença em cada anno.

Em 1778 realisou os direitos á renuncia, que lhe havia feito seu pae, do habito de Christo com trinta mil réis de tença annuaes; e não podendo acceital-a por ser professo na de Sant'hiago, negociou-a em 1779 com Antonio Gomes Barroso e D. Anna Margarida Prestes da Silva pela quantia de 500$000 réis.

Em 19 de janeiro de 1780 é nomeado socio supra numerario da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Em 21 de julho de 1781 é nomeado official praticante da secretaria d'estado dos negocios do reino, sem nenhum vencimento. Para acceitar esta nomeação ao que parece incompativel com a do seu magisterio, obteve, seis mezes antes, licença para poder accummular os dois empregos, e auferir somente as prebendas de um

Em 25 de outubro de 1783, é nomeado official ordinario da secretaria d'estado dos negocios do reino, com 700$000 réis de ordenado e o direito inherente aos respectivos emolumentos, que n'aquelle tempo equivaliam aproximadamente a cerca de 1:800$000 réis, como é notorio e consta por documentos.

Por alvará de 10 de setembro de 1790, teve a mercê do foro de cavalleiro fidalgo, com 9$000 réis em dinheiro e 365 alqueires de cevada, o que, pouco mais ou menos, importava em 50$000 réis por anno e era religiosamente pago, como pelas *Folhas* que existem na Torre do Tombo, se evidenceia.

Em 29 de abril de 1793, por occasião do nascimento da princesa da Beira, a sr.ª D. Maria Theresa, foi agraciado com o habito de Christo.

Em 1801 obteve imprimir gratuitamente na officina Regia a 1.ª edição de suas obras, que a generosidade dos subscriptores fez render uns doze mil cruzados.

Por decreto de 31 de outubro de 1803, teve a aposentação de professor regio com metade do ordenado, ou 225$000 réis por anno.

Por decreto de 17 de dezembro de 1804, teve a pensão annual de 200$000 réis com sobrevivencia em favor de suas tres irmãs.

Em 22 de julho de 1808 lavrou o seu testamento.

Em 22 de junho de 1811, falleceu na casa n.º 35 antigo e 25 moderno á rua dos Cardaes de Jesus.

(Continúa) *Visconde de Sanches de Baêna.*

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

II

Em 1839 representava-se no theatro da rua dos Condes o primeiro drama de Mendes Leal *Os Renegados*, recebidos pelo publico com um enthusiasmo de que hoje difficilmente se pode fazer idéa. O nome do auctor do drama andava de bocca em bocca, a imprensa festejava-o sem restricções, e aonde Mendes Leal apparecia e attrahia e provocava a attenção do publico.

Notavel coincidencia! Quando Almeida Garrett publicou as suas primeiras obras não faltou quem o accusasse de se enfeitar com as pennas do pavão, dando por seus os trabalhos de seu tio D. Alexandre de Sacra Familia, o venerando bispo de Angra, de quem com tanto respeito e affecto o sobrinho nos fallou depois em mais de um logar das suas obras.

Quando pela primeira vez se representou *Os Renegados* não faltou tambem quem attribuisse a paternidade do drama ao vigario de Santa Maria de Loures, Francisco de Borja Ferreira, tio de Mendes Leal, homem illustrado e estudioso, mas que nunca pensára no theatro de que o affastavam as obrigações do seu estado, e os inicios de uma nova escola litteraria, de que o bom do vigario talvez nem siquer suspeitasse o alcance.

A este tio consagrou sempre Mendes Leal profunda affeição, referindo a elle com entranhada saudade na poesia intitulada, *Flebilis ille!* que consagrou á sua memoria! e que começa:

Levou-m'o Deus! Emfim quiz dar-lhe a palma
Que ao justo guarda...........

e que termina:

Amada sombra, adeus! Adeus memoria
Que esta alma triste encanta.
Goteje o loiro, se me é dada a gloria
O triste orvalho da saudade infinda;
E tu, ó musa, canta
Como pode cantar quem chora ainda.

É ainda ao vigario de Santa Maria de Loures que Mendes Leal allude na singella e graciosa poesia em que narra as illusões da sua infancia dizendo:

Quando os meus quinze contei
Um tio velho que eu tinha,
Que inda choro e chorarei
Toda inteira a vida minha! —
Disse-me um dia...

E por aqui fóra segue o poeta contando com immensa simplicidade o emprego que pensa dar a duas peças de oiro com que o tio o presenteára no dia do seu anniversario natalicio.

O nosso theatro, força é confessal-o foi sempre pobrissimo. Anteriormente á *Merope*, d'Almeida Garrett, representada em 1817, e ao seu *Catão* representado em 1820, tragedias que ainda assim estão longe de dar a medida do immenso talento do auctor, o nosso theatro no primeiro quartel d'este seculo era de um acanhamento verdadeiramente lastimoso.

Circumstancias especiaes, que não vem para o caso narrar aqui, tinham circumscripto o reportorio nacional a engoiados elogios dramaticos, ou a dramas semsabores e sem merecimento, taes como *O Triumpho da Naturesa*, de Vicente Nolasco da Cunha, a *Parteira Anatomica*, e o *Manuel Mendes*, de Antonio Xavier, e com o typo de paladar litterario das nossas plateas, o popular *Doutor Sovina*, de Manuel Rodrigues de Maia.

A *Ignez de Castro*, de Xavier Botelho *A Osmia* de Santos Silva, e o *D. Sebastião em Africa*, de Pimenta d'Aguiar, foram tragedias escriptas ao que parece para demonstrar a negação completa dos seus auctores, para a mais difficil das manifestações theatraes.

A revolução de 1820 deu apenas de si o *Catão*, d'Almeida Garrett, uma *Medea*, sem feições tragicas, de Manuel da Veiga, e algumas indigestas producções do padre José Agostinho de Macedo, escriptos mais no vaidoso intuito de firmar as pretenções do auctor a encyclopedico, do que naturalmente inspiradas por um verdadeiro talento dramatico.

O renascimento do nosso theatro data de 1838, com a representação do *Auto de Gil Vicente*. O sr. Theophilo Braga que na sua *Historia do theatro Portuguez*, por vezes faz inteira e plena justiça ao merecimento excepcional d'Almeida Garrett, anda menos avisado no julgamento do drama que abriu a nova era do renascimento do theatro nacional, affirmando que Garrett não lêra os autos de Gil Vicente, e dá como prova, a forma por que concebera o caracter do protogonista do seu drama, bem como o de sua filha Paula Vicente. Apesar de tudo, o critico affirma que Garrett se mostrou *artista, creador e imaginoso nas situações do drama, que bordou sobre um fundo tão esteril*. Nós crêmos que Almeida Garrett como dramaturgo não era obrigado a mais. O auctor dramatico não pode cingir-se escrupulosamnte á chamada verdade historica sob pena de acanhar a veia poetica, e limitar as situações do drama. Se a theoria do sr. Theophilo Braga devesse ser applicada sem restricção, os dramas de Victor Hugo não resistiriam á critica, nem o Luiz XI de Casimiro de Delavigne seria considerado como um verdadeiro drama historico.

O *Auto de Gil Vicente*, antecedeu um anno apenas a representação dos *Dois Renegados*, e por isso me parece infundada a accusação feita a Mendes Leal de se haver arredado da escola do mestre, quando ainda faltava a consagração do tempo ao brioso exemplo de Almeida Garrett aos seus contemporaneos. Dir-me-hão que Mendes Leal continuou posteriormente a affastar-se da senda que Garrett trilhara. É verdade; mas tambem não o é menos, que nunca, em nenhuma litteratura as grandes individualidades tiveram quem de prompto as hombreasse, nem mesmo quem pelo correr dos tempos procurasse ser continuador de tal ou tal escola.

Quem foi o imitador de Shaspeare, o continuador de Goëthe, o herdeiro intellectual de Molière? Ninguem, e não nos consta que os dramaturgos que se lhe seguiram fossem accusados de não terem o profundo senso moral dos dois primeiros, a inexgotavel veia comica do ultimo.

Estamos de accordo com o sr. Theophilo Braga ácerca da importancia que dá aos trabalhos de Alexandre Herculano e de Garrett na nobilissima intenção de assentar em solidas bases o theatro nacional, mas affigura se-nos exageração do critico o affirmar: *que depois da renovação da litteratura moderna pelo Romantismo, e liberdade da invenção, e systema de cada individuo impor typos geraes as duas impressões particulares, e a tendencia para fugir de tudo quanto parecesse convencional e academico levou a uma exageração do natural, a que os que combatiam pelas doutrinas classicas chamaram licença e desenfreamento.*

O defeito da escola romantica nunca foi a *exageração do natural*. Se peccava foi pelo defeito contrario, pelo artificial, quer no fundo, quer na forma, e com especialidade no theatro. Pelo que respeita á tendencia de *impor como typos geraes as suas impressões particulares*, mais quadra esta arguição á escola realista de que á romantica, que aliás não defendemos, como não defendemos em absoluto nenhuma escola.

O que cumpre averiguar é se Mendes Leal foi, ou não, um auctor dramatico digno d'este nome, modificando e corregindo a sua primeira forma, e procurando approximar-se de uma outra, não direi mais racional, mas com certeza mais de accordo com as exigencias das novas plateas, e a transformação lenta do romantismo para a escola realista, que no momento triumpha, sem ao certo se poder contar com a duração da sua existencia.

É vasto o reportorio theatral de Mendes Leal, e se o não suppomos isempto de defeitos, temol-o como progressivo com relação ás epochas em que foram escriptos os diversos dramas, especialisando entre todas as composições de Mendes Leal, *A Herança do Chanceller*, formosa comedia em verso, de verdadeiro sabor nacional, e que dá a medida do talento do auctor, quando desprendido de pêas e de considerações de escola guiando-se unicamente pela sua nativa inspiração, e pelos conselhos da experiencia.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

XVII

O cercopithecus picturatus e o gyrino do Cynops Boscai do sr. dr. Mattoso Santos — A intelligencia dos macacos — As orchideas de Portugal do sr. Estacio da Veiga — O elixir e o jejum de Succi.

Com o titulo de *On a new or critical species of monkey and a systematical arrangement of a group of cercopithecus*, publicou o sr. dr. Mattoso Santos no *Jornal de sciencias mathematicas, physicas e naturaes*, uma memoria suggerida por um macaco offerecido ao Museu da Escola Polytechnica de Lisboa pelo sr. José Augusto de Sousa ao qual fôra dado pelo major J. Fortunato Barreto e por um outro exemplar existente no Jardim Zoologico, offerecido pelo sr. dr. Ramada Curto. Da comparação d'estes exemplares com as discripções de Audibert, Schlegel e Gray concluiu o meretissimo professor a existencia de uma nova fórma ou especie que propoz denominar-se *cercopithecus picturatus*.

Eis o quadro systematico que o sr. dr. Mattoso expõe para a classificação de um grupo de *cercopithecus* de manchas brancas sobre o nariz.

Base do triangulo formado pelos cabellos brancos ou pellos que cobrem uma parte do nariz levantada para cima:

I. Face não azul .... *C. petaurista (Erxleben)*
II. Face azul ....
Cauda azeitonada ou azeitonada na parte superior e branca na inferior tornando-se amarello-avermelhado na extremidade .... *C. Ascanias de Andibert*

Lado inferior da base da cauda vermelho escura e preta na extremidade .... *C. ludio Gray*

Base da cauda com a côr do corpo, e lado inferior e superior da cauda nas 4/5 partes da extremidade de côr vermelho-cobre .... *C. picturatus Dr. Mattoso*

A variedade das côres que adornam a especie justifica a denominação proposta pelo illustre zoologo de *cercopithecus picturatus.*

— No mesmo jornal da Academia Real das Sciencias publicou o sr. Mattoso Santos uma memoria ácerca do gyrino do Cynops Boscai. Depois de descrever este gyrino minuciosamente diz o illustre professor. «Estes gyrinos teem movimentos muito rapidos e muito graciosos. Era extremamente curioso vêr a agilidade com que elles cahiam sobre os daphnis e os vermes que se deitavam no frasco onde eu o conservava. Se elles são capazes de soffrer longas privações, o seu appetite pelo contrario nunca está satisfeito, e por isso atacam com o mesmo encarniçamento a presa depois de um aturado jejum ou tendo realisado um copioso repasto. É tal a sua voracidade que de dois que eu tinha posto de parte n'um pequeno frasco para melhor os observar, e que eram abundantemente alimentados, tendo um d'elles morrido, achei o outro em acção de engulir o cadaver do irmão.»

— Madame Clemence Royer consagrou um dos seus melhores artigos publicados na *Revue Scientifique* — ao estudo psychologico da *intelligencia dos macacos.* Não toma como ponto de comparação o homem civilisado, mas no ultimo grau da escala humana. Se entre o homem civilisado e o macaco a distancia é enormissima, ha todavia menos distancia intellectual entre o chimpanzé e o boschiman ou entre certos australianos e os europeus illustrados.

A intelligencia não se acha mais desenvolvida nos grandes macacos. Pelo contrario é em especies mais pequenas e sob o ponto anatomico mais affastado do homem, que se encontra maior perfeição da intelligencia.

Conforme a opinião de Madame Royer as grandes especies antropomorphas que andam obliquamente não são nem macacos nem homens, mas intermediarios entre uns e outros, entes imperfeitos, mal constituidos e destinados a serem supplantados na lucta pela existencia, pelos successores melhor adaptados ou á estação vertical do homem ou ao movimento quadrupede e á vida arboricola dos verdadeiros macacos trepadores, os quaes em geral são muito sociaveis e se domesticam perfeitamente.

O gorilla da Africa occidental tem o sentimento de familia accentuadissimo e bem assim os chimpanzés da mesma região, os quaes formam pequenas familias patriarchaes e polygamas e seus filhos estão sob a vigilancia auctoritaria de um macho adulto.

Quasi todas as especies pequenas simianas do antigo continente vivem em grupos numerosos em absoluta promiscuidade sexual. O amor materno é fortissimo, mas acaba com a primeira infancia. Estes costumes, nota Madame Royer, são os mesmos que se encontram em certas raças selvagens, e ha grandes probabilidades que tambem fossem os das tribus humanas primitiva que viveram nos valles dos rios da Europa nas epochas do Mammuth e anteriores á existencia d'este grande mamifero. Quanto ao amor paterno existirá elle nos simios? Entre os homens não é geral este affecto, muito pouco desenvolvido em certas tribus selvagens, onde os nomes se transmittem em linha feminina e ainda em grande numero de individuos dos paizes *civilisados,* que abandonam os filhos.

Não é pois o amor paterno um distinctivo da especie humana, comquanto não seja raro encontral-o entre os animaes.

Quanto á linguagem ha selvagens cujo alphabeto é pobrissimo, mas complicado com sons nasaes e gutturaes, verdadeiros gritos de animaes.

As interjeições, poderiamos nós ajuntar ao que sobre o assumpto diz a auctora — conservadas em todas as linguas, ainda as dos povos mais civilisados — não sao mais do que gritos, comquanto a analyse grammatical as explique como orações implicitas. Se os macacos não falam, nem por isso deixam de comprehender a linguagem articulada. O riso, que é quasi exclusivo do homem, assim como as lagrimas, tambem se acha nos macacos, cuja physionomia sabe exprimir as emoções da alegria e da tristeza.

Teem alguns macacos festas collectivas que são do mesmo genero das selvagens. Tocam com dois paus sobre um velho tronco de arvore. É um esboço do tambor. Os macacos domesticados aprendem facilmente a tocar tambor e castanholas.

É pois difficil estabelecer essa grande distancia que alguns anthropologistas pretendem achar entre o homem — considerado nas raças inferiores — e os macacos.

— O meritissimo academico o sr. Estacio da Veiga é o auctor de uma monographia que é importante subsidio para o estudo da *flora portugueza.* As *orchideas* de Portugal mereceram ao distincto botanico a sua attenção. O sr. Estacio da Veiga reunio sob um systema methodico todas as especies e variedades observadas nas suas excursões e bem assim as que são citadas pelos auctores como espontaneas no continente.

Na disposição adoptou o auctor a classificação de Reichenbach e quasi todos os orchideas indigenas são representadas por desenhos, 53 em 26 estampas.

Além do rigor da classificação, esta obra auxiliar não só ao botanico excursionista, mas ao horticultor, contém numerosissimas indicações de localidades, discussão critica, e nomenclatura.

O illustre escriptor, trabalhador infatigavel tem além d'este muitos outros estudos sobre a flora portugueza, tendo tambem a gloria de ser o primeiro archeologo portuguez, bastando-lhe para esse titulo, quando não fossem as suas obras já publicadas ou em via de publicação, *A carta prehistorica do Algarve* e a collecção de monumentos colhidos nas explorações por elle realisadas n'aquella provincia e que constituem o *museu archeologico do Algarve,* de que o nosso amigo é incontestavelmente o fundador.

— Um italiano Succi, tem chamado a attenção dos medicos e dos physiologistas com o seu prolongado jejum, tendo antes ingerido um liquido a que elle attribue a virtude de preservar da fome. Effectivamente Succi, em Milão, sem comer continua agil, vigoroso, e fazendo todos os exercicios de um homem bem alimentado.

Julga-se que o celebre *elixir* de Succi contém entre outras drogas, a *cocaina* a qual anesthesia o estomago. D'este modo deixará de sentir a sensação da fome, mas por isso mesmo a combustão animal se fará á custa dos tecidos do corpo. Sem comer não é possivel a existencia.

João de Mendonça.

JOSÉ GOMES GOES

(Continuado do n.º 277)

No dia 28 escreve Mendes Leal:

Amigo e sr. — Agradeço a boa diligencia. Mando todo o original que pude apromptar. Em verso não posso correr tão facilmente como em prosa. Falta só o 5.º acto, que é pequeno. Temos até domingo ás 11 horas. Pouco ha já para escrever; mas eu é que tenho muito, porque parte do 5.º é tambem em verso. Não me torno a deitar já sem concluir. Amanhã, cedo, receberá V. uma porção, á noite outra, e é possivel que ainda no domingo de manhã envie o resto — pequena cousa. Quer ter a condescendencia de ajudar-me a levar esta cruz? *Nada ha para reformar, e tudo está excellente.* Queira desculpar quem é com estima, de V. amigo e collega. — Sua casa. Junho, 28-61. — *M. Leal.*

Surprehende-se aqui o grande escriptor em plena gestação de espirito, e já em grande reconhecimento ao seu ajudador em copia e revisão.

A infatigabilidade de um, acompanha a do outro. Mendes Leal compõe, escreve, faz trasladar por alguem, do seu rascunho, para uma primeira copia, e essa é enviada ao copista intelligente e revisor que hade concluir o trabalho em nova copia, expurgada de quaesquer descuidos ou inadvertencias.

Eis chegado o ultimo dia de trabalho; o escriptor lança os derradeiros pensamentos ao papel. Vejamos:

Amigo — Vae o *meu proprio original* para não atrazar, nem demoral-o. Faltarão dois quartos mais, que immediatamente remetto. Perdoe e sempre obrigado. — 3o. — *M. Leal.*

O tempo apertava, o praso do concurso terminava, as horas corriam: Mendes Leal afervorava na composição, já não havia tempo para passar o rascunho a uma primeira copia; vae o proprio original escripto sem vagar. Não ha risco, o copista é de tal ordem, que supre aos defeitos que possa haver.

Mendes Leal recebe o auxilio completo do seu amigo e collega, senão como escriptor laureado, certissimamente como talento provadissimo.

O drama é apresentado no concurso. Entra com elle na lide *A inauguração da estatua equestre,* de outro escriptor intelligentissimo, correcto, pesquizador consciencioso e querido das plateas, o nosso presadissimo mestre e respeitavel amigo, o sr. Joaquim da Costa Cascaes, mas o de Mendes Leal é preferido pelo jury, e alcança o premio. Não ha nada de despeitoso no resultado do certamen. O proprio Eschylo algumas vezes se viu preferido por Phrinico, Pratinas, Chœrilo, e segundo algumas tradições por Sophocles. Em combate de talento não ha derrotas, ha gloria e fortuna.

Graciosa é a carta em que Mendes Leal brinda Goes pelo seu auxilio intelligente e agradece a sua assiduidade.

Meu bom amigo — Dizem que é o rapé bom espertador de vigilias. V. *acompanhou as minhas tão zelosamente com as suas,* que me atrevo a pedir-lhe, queira fazer a experiencia; porque bem ha-de estar tresnoitado.

Rogo ao mesmo tempo queira receber os meus muito sinceros agradecimentos pela *sua fineza e condescendencias, que foram grandes,* e em muito extremo me penhoram.

Com verdadeira estima e consideração, tenho a honra de me assignar, de V. amigo e collega. — Sua casa, Julho, 2-61. — *M. Leal.*

A delicadeza de Mendes Leal desborda de toda esta curta correspondencia, que não quizemos truncar, por nos parecerem, estas cartas, documentos interessantes para a historia litteraria do homem, que occupou logar tão eminente entre os escriptores portuguezes, e que talvez sejam as unicas que desvendem um pouco, o seu espirito em elaboração e a rapidez do seu compor.

Quem não conhecesse Goes, poderia porém suppor que este fôra convidado para fazer a copia, por possuir verdadeira calligraphia; mas quem sabe que elle dispunha de uma letra nada formosa, apenas regularmente legivel, logo entende, que a escolha que Mendes Leal, com tanto empenho, fez de Goes para o auxiliar na copia do seu drama, foi porque tendo de o apresentar a um areopago litterario, e não havendo tempo, nem vagar para o rever, como faria se se tentasse de o imprimir, carecia de pessoa conhecedora assaz da lingua para lhe delir na copia qualquer incorrecção grammatical ou de linguagem que ao escrever lhe escapasse, e para suprir com os seus profundos conhecimentos archeologicos, qualquer inexactidão ou inadvertencia que podesse haver pelo lado historico. Pela carta de 24 de junho, ja impressa a pag. 196 vê-se o cuidado que Mendes Leal queria empregar nas designações historicas, e é por tanto vehemente que quando elle diz na carta de 28 de junho: *Nada ha para reformar; tudo está excellente,* não se póde referir á letra, *que não era excellente,* nem á copia, que estando conforme, era o que se exigia, mas á maneira como ella era feita pelo copista-revisor; e é tambem n'esse rever intelligente que consistem as vigilias com que *zellosamente* acompanhou as do auctor, e a *fineza e condescendencias que foram grandes.*

Porque coincidiu o fallecimento de Mendes Leal, com a occasião em que se poude apresentar ao publico o retrato de Goes, e porque ainda cerrou mais esta coincidencia, o acaso de serem publicados no mesmo numero d'este periodico, os retratos de ambos, porisso nos determinamos a citar este incidente da vida de ambos, que a correspondencia atraz impressa nos revelou, embora, contra os nossos habitos, aliás não seguidos em geral, tivessemos de quebrar ou infringir a ordem chronologica, que reconhecemos indispensavel e impreterivel em todo o trabalho historico.

(Continúa) *Brito Rebello.*

Errata. — No numero antecedente, pag. 195, col. 2.ª, lin 15, d'este artigo onde está *acerto,* lêa-se *asserto,* e lin. 20, onde esta *obreiro que encima,* lêa-se *obreiro cujo nome encima,* etc.

RESENHA NOTICIOSA

Espartero. No dia 31 de agosto ultimo, foi inaugurado em Madrid um monumento ao General Espartero, duque de Victoria, principe de Vergara. A estatua mede cinco metros de altura e assenta sobre um pedestal a que servem de estrado alguns degraus. A estatua representa a entrada triumphal do heroe de Luchana, em Madrid, depois de ser assignado o convenio de Vergara. A acta d'esse convenio, leva-a o general na mão esquerda com a qual segura ao mesmo tempo as rédeas do cavallo. No pedestal ha dois baixos relevos, representando o da direita o abraço de Vergara e o da esquerda a acção da ponte de Luchana. Na frente do pedestal lê-se a seguinte inscripção — A Espartero, el pacificador, la nacion agradecida.—Segundo algumas noticias o novo monumento fica sendo um dos mais notaveis de Madrid.

Convento d'Arouca. Consta que o valor dado a este sumptuoso monumento, incluindo as cercas, casas annexas, moveis, alfaias, etc., no inventario a que se procedeu ultimamente, depois do fallecimento da ultima religiosa, orça por quinhentos contos, mas julga-se que n'esta avaliação não entra a famosa egreja. Será bom, e esperamos que o governo não deixará malbaratar valores tão preciosos, nem entregará um monumento coevo dos primordios da monarchia, a mãos ineptas que o deturpem, e procurará os meios de lhe dar uma applicação util, reservando porém áquelle ou áquelles que devem cuidar da conservação dos monumentos, a sua inspecção e direcção.

Visita pastoral. O reverendo bispo de Nicopolis, coadjutor e futuro successor do bispo de Angra, tem andado em visita pelas villas e aldeias da ilha Terceira, S. Sebastião, Lagens, Villa Nova, Agualva, etc., e ainda que o faz como simples particular, pouco acompanhado, logo que tem constado a sua comparencia em qualquer localidade todos accorrem a vel-o, a pedir-lhe a sua benção e a prestar-lhe as homenagens do seu respeito. Caridoso, lhano e esmoler o reverendo prelado tem atrahido as sympathias geraes.

Casa onde nasceu o poeta Nicolau Tolentino de Almeida
(Desenho do natural por J. R. Christino)

Bulgaria. Em tempo demos noticia de como a Romelia tinha proclamado a sua juncção á Bulgaria, sob o governo do principe Alexandre de Battenberg, que, em virtude do tratado de Berlim, fora collocado n'aquelle estado. A Servia imprudentemente e contra toda a confraternidade de origem e aspirações invadiu a Bulgaria, mas esta colhida de improviso, depois de sofrido o primeiro choque, poude refazer-se, rechaçar o imprudente contrario, enxotando-o dos seus terminos, e perseguindo-o até dentro das suas fronteiras. Depois de alguns trabalhos diplomaticos, foi reconhecido o principe como chefe das Bulgarias, e tudo parecia ter ficado assente. Ao principio julgara-se que a Russia tinha sido instigadora do procedimento do principe, mas no fim reconheceu-se o contrario, e quanto a nós, é de fé que o movimento da Servia foi instigado pela Russia. Tudo estava em paz, e nada parecia prever que um homem, que se tinha sacrificado por uma patria, que não era a sua e tinha conduzido os seus subditos á victoria, podesse tão pouco tempo depois ser alvo de uma manifestação contraria. É mau ter inimigos poderosos. Uma noite que o principe dormia, entra furtivamente um regimento na cidade de *Sophia*, e juntando-se com os alumnos da escola militar — infeliz mocidade que tão mal se estreia! — cerca o palacio, alguns officiaes penetram na camara do principe, intimam-o a que abdique, o que elle não faz, e depois de varias peripecias, mandam-o preso, a bordo de um hiate, pelo Danubio, e organizam um governo, presidido pelo prelado monsenhor Clemente, partidario da Russia, e composto de Genieff e Zancoff, os auctores da conspiração, que se atreve a proclamar ao paiz e a notificar ás potencias. Isto dura apenas 3 dias. A contra revolução é logo proclamada em todo o estado, presos e condemnados á morte os auctores do attentado; procurado o principe que desembarcara em Reni e seguira para a Austria por Volotchisk. Apenas o principe teve tempo de chegar a sua casa foi logo chamado pela Bulgaria e Rumelia. Parte, e a sua entrada no estado é uma marcha triumphal, chegando em uma localidade o povo a desatrelar os cavallos do trem, e a conduzir o principe em seus braços. Mas por traz de tudo isto está a Russia, que segundo a opinião geral foi auctora ou instigadora da conspiração. O principe telegrapha ao Czar, confessando-lhe o seu respeito e protestando-lhe a sua submissão, mas a resposta do Czar, dizendo-lhe que fará o que convem á Russia e seguirá as pisadas de seu pae, obrigaram o principe a abdicar. O principe chegando a Sophia, foi recebido, com extraordinario regosijo, mandou logo soltar os conspiradores presos, e abraçando os seus amigos, que são os da Bulgaria, expoz as difficuldades da situação e disse-lhes, com as lagrimas nos olhos, que os verdadeiros patriotas não deviam pedir-lhe que ficasse junto d'elles. Foi cumprimentado por todos os agentes diplomaticos, menos os da Russia e Prussia. Depois de longo debate, e não querendo os verdadeiros patriotas que o principe abdicasse, resolveu-se dirigir uma pergunta á Russia, formulada em artigos, a que ella respondeu satisfatoriamente; então o principe abdicou, aconselhando firmeza e tranquilidade em tão difficil conjuntura, e deu o adeus da despedida, sendo saudado pela multidão e acompanhado até ao caminho de ferro. Julga-se que sobrevirão desordens, apezar do conselho de regencia ser patriota e energico. Veremos qual será o candidato que obterá os sufragios para reger o principado. Infeliz Bulgaria, ainda ha pouco tão esperançosa!

Apotheoses. No 1.º de agosto ultimo, em sessão solemne da Camara Municipal de Ponta Delgada, deliberou esta inscrever, como n'esse acto fez, no livro dos benemeritos do Municipio, os nomes de *D. Margarida de Chaves*, instituidora do *Albergue nocturno*, e de *D. Feliciana Aguiar*, bemfeitora d'elle. N'esse mesmo dia foi inaugurado o *Albergue*, havendo cortejo civico, o qual se dirigiu á rua e casa onde morou o Visconde de Castilho, então Antonio Feliciano de Castilho, desvendando-se n'essa occasião uma lapide commemorativa da residencia d'aquelle infatigavel obreiro da instrucção popular, na formosa capital da ilha de S. Miguel. A essa rua, que outr'ora tinha o prosaico nome de rua do Lameiro, foi dado o de rua Castilho. Comquanto tenhamos a opinião inabalavel de que é prejudicial e inutil a mudança dos nomes das antigas ruas, comtudo concordamos com uma ou outra excepção, justificadissima e sympathica como esta.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Um erro judiciario, *supposto homicidio do brazileiro em Leiria, processo de Revista n.º 12:611, relator o ex.mo sr. conselheiro Sá Brandão, recorrentes João Antonio de Oliveira Rei e outros — Minuta dos recorrentes pelo advogado Affonso Xavier Lopes Vieira. Lisboa, typ. de Christovão A. Rodrigues, 60, rua de S. Paulo, 62, 1886.* De todos é conhecida a mysteriosa historia do desapparecimento de um brazileiro do hotel de João Rei, em Leiria, da tetrica relação do seu assassinato alli praticado, da pronuncia d'aquelle estalajadeiro e outros, e como ao cabo de algum tempo o revd. abbade de Santo Ildefonso, do Porto, veio declarar o apparecimento d'esse individuo que se suppunha morto e esquartejado, e por causa do qual se revolveu parte do pinhal de Leiria, e cujas declarações coincidiram exactamente com as informações policiaes e conteudo nos bahus por elle deixados em diversas partes. O sr. dr. Lopes Vieira, no seu substancioso recurso, analysa o processo, cujas nullidades pulveriza, e cujas anomalias põe em toda a evidencia, reduzindo a horrorosa historia ao valor de uma verdadeira lenda.

Visite psychiatrique à la colonie du Gheel, *par Magalhães Lemos. Porto, typographia Occidental, rua da Fabrica, 66. 1886.* A epigraphe d'este interessante opusculo diz: *Para todos os verdadeiros medicos alienistas é hoje obrigação indispensavel visitar esta celebre cidade. Vae-se a ella como o christão á cidade santa, como o Mussulmano a Mécca.* A visita feita pelo illustre director do hospital de alienados do Conde de Ferreira, no Porto, é altamente curiosa e interessante, não só para os homens da faculdade, que podem ter mais hoje, mais ámanhã, de se occuparem de tão momentoso assumpto, como tambem para todos os mais membros da sociedade humana que se interessam por tudo quanto nas diversas partes do mundo se cria ou organisa para bem da humanidade. A disposição, o regimen, e certas particularidades da celebre colonia do Gheel estão descriptas por modo tão claro e distincto que se faz perfeita ideia d'ella. Algumas medidas esperamos que serão adoptadas no nosso paiz depois d'este interessante relatorio.

Projecto de um programma federalista radical *para o partido republicano portuguez, por Teixeira Bastos, com um prologo por J. Carrilho Videira. Lisboa, Nova livraria internacional, rua do Arsenal, 96 a 100. 1886.* Diz-se n'este folheto que o partido republicano desde 1880 tem retrogrado em vez de progredir, que triumphou em toda a linha o modo de ver dos prudentes, dos homens de saber e posição, da gente que tinha que perder, e depois de muitas considerações todas tendentes a mostrar o esphacelamento do seu partido, e a reclamar a união de todos os principios que segue, diz que, não tendo o Directorio do partido feito ainda o programma, se resolveu a organisal-o, o qual, precedido de quatro considerandos, é formulado em 26 regras ou artigos.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.